

tativa de o assimilar ao pensamento reaccionário, e não escamoteia as suas perplexidades religiosas de velho laico em *Dio è rischio* (1969) e *L'Ombra di Dio* (póstumo, 1984). O seu *Diario* (2 vols., 1979 e 1980) é um auto-retrato dramático e um testemunho importante de uma época (1900-1968). Como importante é a sua antologia comentada de *La Voce* (1974), rev. de uma geração das mais notáveis do *Novecento*.

Inteligência paradoxal, não faltaram também paradoxos na sua vida: ele, que fizera profissão de fé agnóstica, foi recebido (1966) em audiência privada pelo Papa Paulo VI, seu antigo leitor; ele, que não se julgava escritor, foi proposto (1979) ao Prémio Nobel da Literatura; ele, que não dava importância a efemérides e celebrações, foi, no seu centenário, homenageado pelo Governo e condecorado pelo presidente da República.

OBRAS (além das citadas): As antologias *Ideario* (Milão, 1967) e *Il Meglio di Prezzolini* (Milão, 1971, com pref. de Giovanni Spadolini); *Prezzolini: un secolo di attività* (cartas inéditas e bibl. de todas as obras), Milão, 1982. Grande epistológrafo, correspondeu-se com alguns dos grandes escritores do seu tempo: Papini (*Storia di un'amizizia*, 2 vols., Florença, 1966 e 1968), Soffici, Palazzeschi, Croce, Giuseppe De Robertis, e muitos outros. De interesse também, sobretudo para o período de *La Voce*, a correspondência com a sua primeira mulher (*Diario per Dolores*, Milão, 1993).

JOÃO BIGOTTE CHORÃO

BIBL.: Emilio Cecchi, *Letteratura italiana del Novecento*, I, Milão, 1972; AA. VV., «Omaggio a Prezzolini», in *Il Borgese*, Milão, 6.2.1972; Stenio Solinas, *Prezzolini, un testimonia scomodo*, Roma, 1976; id., «Giuseppe Prezzolini, un 'machiavélien' néoconservateur?», in *Nouvelle École*, Paris, 1980; João Bigotte Chorão, «Um italiano útil», in *Futuro Presente*, n.º 2, Lx., Set./Out., 1980 (depois em *O Escritor na Cidade*, Lx., 1986); Jaime Nogueira Pinto, «Giuseppe Prezzolini — o último Leonardo», in *A Tarde*, Lx., 25.10.1980; Giuseppe Prezzolini e Margherita Marchione (a cura di), *Incontriamo Prezzolini*, Bréscia; Anacleto Verrechia, *Giuseppe Prezzolini, l'eretico dello spirito italiano*, Turim, 1995.

Priaboniano — GEOL. Andar correspondente ao Eocénico superior. Nos Alpes, a separação entre o Ludiano e o Bartoniano não é possível e, por isso, o conjunto dos dois andares foi reunido sob o nome de «Priaboniano». O nome provém de Priabona, cidade italiana do Vicentino.

CARLOS TEIXEIRA

Príamo — MIT. Primeiramente chamado Podarces, era filho de Laomedonte, a quem sucedeu no trono de Tróia. Casou com Arisbe e, depois, com Hécube ou Hécuba, que lhe deu 19 filhos, o mais velho dos quais foi Heitor. Entre os restantes, destacaremos Páris, Polixena, Heleno, Cassandra e Troilo (que alguns diziam filho de Apolo). No total, a tradição atribuiu-lhe 50 filhos, nascidos das duas esposas legítimas e de várias concubinas. Rei prudente e sábio, concorreu para o restabelecimento do antigo esplendor de Tróia. Contudo, o rapto de Helena, esposa do rei espartano Menelau, levou os Gregos ao ataque e destruição da cidade. Entre as cenas mais comovedoras da sangrenta luta avulta aquela em que P. foi ao acampamento inimigo resgatar o cadáver de Heitor (Homero, *Ilíada*, XXIV). Os últimos momentos da vida de



Príamo

P. foram contados em pormenor pelas epopeias do chamado Ciclo Épico (**7** *Ciclo*): Aquando do saque de Tróia pelos Gregos, P. ter-se-ia refugiado com Hécuba junto do altar de Zeus, onde foi morto por Neoptólemo (Virgílio, *Eneida*, II, 506 e ss.).

C. A. LOURO FONSECA

prião — BIOQ. O P. (PrP^{sc}) é uma proteína identificada como o agente responsável por várias doenças, sendo uma forma variante de uma proteína normal, denominada «proteína prião» (PrP^c).

Algumas doenças contagiosas que afectam o sistema nervoso central dos mamíferos exibem tempos de incubação demasiadamente longos, o que dificultou muito a identificação do agente causador e levou a classificá-las como viroses lentas. É o caso do «scrapie», uma perturbação neurológica de ovinos e caprinos, da encefalopatia espongiforme bovina (BSE ou doença das vacas loucas), a correspondente doença neurológica dos bovinos, do «kuru», uma doença cerebral degenerativa que era transmitida por canibalismo entre alguns povos da Nova Guiné, e da doença de Creutzfeldt-Jakob (CJD), uma doença humana rara que é semelhante ou idêntica ao «kuru». O americano Stanley Prusiner recebeu o Prémio Nobel na sequência dos seus estudos sobre o «scrapie» em ratos hamster. Este cientista identificou o agente causador do «scrapie» como sendo uma única espécie de proteína, a que foi atribuído o nome de «prião» — a designação inglesa de *prion* deriva de *proteinaceous infectious particle*.

O P., referido na forma abreviada por PrP (do inglês *PRion Protein*), é uma glicoproteína hidrofóbica composta por 208 resíduos de aminoácidos. A sua hidrofobicidade elevada permite às moléculas parcialmente proteolisadas de PrP agregarem-se para formar conjuntos de partículas do tipo bastonete. Estes agregados formam placas amilóides que se acumulam nos tecidos cerebrais dos animais infectados, admitindo-se que são directamente responsáveis pela degeneração neurológica que caracteriza aquelas doenças.

O gene que codifica a PrP (designado por *Pm-p* de *PRioN Protein*) está presente em todos os animais vertebrados, o homem incluído, bem como em invertebrados, como é o caso da *Drosophila*. Esta observação sugere que a PrP poderá desempenhar uma função biológica importante. Surpreendentemente, ratos transgénicos em que ambos os genes *Pm-p* foram silenciados (ratos *Pm-p*^{0/0}) têm um comportamento inteiramente normal, incluindo a sua descendência. No entanto, os ratos *Pm-p*^{0/0} mantêm-se saudáveis e sem desenvolverem «scrapie» mesmo se inoculados com uma dose de proteína PrP^{sc} (Sc de «scrapie») capaz de induzir a doença em ratos selvagens (*Pm-p*^{+/+}). A proteína PrP^{sc} induz a conversão da proteína normal PrP^c a PrP^{sc}. Sabe-se hoje que a conversão de PrP^c em PrP^{sc} num hospedeiro, por acção de PrP^{sc} de outra espécie, é um acontecimento raro, mas, uma vez ocorrido, a recentemente formada PrP^{sc} do hospedeiro catalisa a conversão de modo muito mais eficiente. As proteínas PrP^c e PrP^{sc} são quimicamente idênticas. A proteína P. (PrP^c) é uma proteína membrana, com uma massa molecular de 33 a 35 kDa

e que, no caso do homem, é composta por 253 resíduos de aminoácidos. Ocorre essencialmente na superfície dos neurónios e possui uma âncora de glicosilfosfatidilinositol, que possibilita a sua ligação às membranas celulares. O P. (PrP^{Sc}), uma forma variante da PrP^C, apresenta a mesma sequência de resíduos de aminoácidos. No entanto, não está localizada nas membranas, depositando-se em vesículas citossólicas, e ocorre nos cérebros dos ovinos e de outros mamíferos infectados com encefalopatia espongiforme. A PrP^C e a PrP^{Sc} diferem no que respeita às suas estruturas de nível secundário e terciário. A PrP^C tem muito pouca folha pregueada β (3%) e um conteúdo elevado em hélice α (42%), ao passo que a PrP^{Sc} tem um teor elevado de folha pregueada β (54%) e poucas hélices α (21%). Esta alteração de conformação da proteína é autocatalítica, no sentido em que é a PrP^{Sc} que induz a conversão da PrP^C a PrP^{Sc}. Tanto a PrP^C como a PrP^{Sc} estão sujeitas a degradação proteolítica nas células. Contudo, enquanto a PrP^C é totalmente degradada, a PrP^{Sc} perde apenas 67 resíduos do seu terminal N, formando um núcleo resistente à proteólise de 27 a 30 kDa — o PrP 26-30, que ainda apresenta um conteúdo elevado em folha pregueada β . É o PrP 26-30 que se agrega para formar as placas amilóides.

R. BOAVIDA FERREIRA

Priapeia — \uparrow Priapo.

priapismo — MED. De Priapo, deus da virilidade e da fecundidade: síndrome caracterizada por erecções prolongadas, por vezes dolorosas, independentes do líbido, e que não terminam pela ejaculação. Não são ainda totalmente conhecidas as suas causas. Duas situações parecem claras: a infiltração dos corpos cavernosos, quer inflamatória (cavernite aguda com ou sem flebite) quer flebotrombótica (espontânea, secundária a um traumatismo perineal, a uma leucemia, a uma neoplasia primitiva da uretra ou a metástases penianas de um tumor vesical ou mais distante); perturbações dos centros erectores por doença da medula (tabes) ou por reflexos a partir da espinha irritativa local (adenoma da próstata, uretrite posterior, etc.).

Clinicamente, o P. apresenta-se com forma intermitente ou permanente.

A forma intermitente desenvolve-se quer de maneira aguda, consequência de uretrites agudas graves actualmente muito raras, quer de maneira crónica, manifestando-se por erecções nocturnas que obrigam o doente a levantar-se e que cedem com a marcha, a micção ou as aplicações frias, podendo repetir-se várias vezes durante a noite (em geral secundárias a uretro-prostatites crónicas com veru-montante, ou a adenomas da próstata, mas também secundárias a afecções neurológicas, como a tabes, etc.).

A forma permanente tem um começo agudo e é muito mais grave; pode dar-se uma erecção normal, mas mais frequentemente o corpo esponjoso não é atingido e a glândula fica flácida; provoca, por vezes, erecções particularmente dolorosas, que impedem o sono, acarretando um estado ansioso, mais ou menos acentuado, podendo prolongar-se por várias semanas ou

meses, não cedendo à anestesia geral, até que passa espontaneamente ou com terapêutica adequada, mas deixando todavia perturbações da erecção que vão até à sua abolição total (em geral secundária a leucemia mielóide, de que o P. é, por vezes, o sinal revelador; mas também secundárias a cancro da uretra, traumatismos, situações neurológicas, etc.).

CÂNDIDO SILVA

Priapo — MIT. Deus itifálico da região helespontiaca, filho de Dioniso (de Hermes, de Adónis ou do próprio Zeus, em outras versões) e de Afrodite (i. é, da Grande Mãe oriental). Figuração do instinto procriador do macho, propiciava, por magia simpática, a fecundidade da terra e dos animais. Absorveu outras divindades rústicas da força generativa (Conísalo, Fales, Ortanes, Týcon, entre os Gregos; Mutuno, Tutuno, entre os Romanos). Na Bitínia, era venerado como deus da guerra e educador de Ares. De \uparrow Lâmpsaco e Cízico, através de Lesbos e Tasos, o seu culto atingiu a Grécia, ganhou larga difusão no período helenístico e, através da Campânia, penetrou em Itália, onde, em substituição dos símbolos fálicos primitivos, lhe estava sobretudo confiada a protecção dos jardins e a defesa dos campos contra os ladrões e as aves daninhas. A estátua de P., colocada junto dos túmulos, constituía uma promessa de ressurreição e de vida: «protegida pelo deus, a campa tornava-se como um sulco em que amadureciam os nascimentos futuros» (Grimal). A sua deformidade física era atribuída à malevolência de Hera, que tocara por inveja o ventre de Afrodite. A lascívia de P. levou-o a acometer, de noite, a ninfa Lótis (substituída às vezes, no mito romano, por Vesta); mas o zurrar de um jumento acordou a deusa e preservou-a do ultraje: por isso o burro (um dos símbolos da potência genésica da natureza) era sacrificado a P. O deus protector dos rebanhos e das abelhas (Virgílio, *Georg.* 4.109-115) apreciava também as oferendas de leite e mel (outros símbolos da vitalidade e da perenidade da natureza). Horácio cantou a sua picaresca bonomia de afugentador das feiteiras (*Serm.*, 1.8); mas, no *Satyricon* de Petrônio, a cólera de P. contra Encólpio é tão implacável como a sanha de Posídon contra Ulisses ou a ira de Juno contra Eneias. Com o nome de *Priapeia* se designa uma colectânea latina de 85-86 poesias, burlescas ou licenciosas, escritas em honra de P., na época de Augusto ou pouco posteriormente, por autores na sua maioria desconhecidos (embora duas composições sejam atribuídas a Tibulo, uma a Ovídio, e três tomadas do *Catalepton* virgiliano), mas que revelam sensível influência do Sulmonense. Também Catulo (frag. 1 e 2), Horácio (*Serm.*, 1.8), Tibulo (1.4) e Marcial (6.16, 49, 72, 73) escreveram *carmina Priapea*.

WALTER DE MEDEIROS

BIBL.: H. Herter, *De Priapo*, Giessen, 1932; P. Grimal, *Les jardins romains*, Paris, 1970, pp. 46 e ss., 317 e ss. Ed. dos *Priapea*: J. Cazzaniga, *Carmina ludicra Romanorum*, Turim, 1959. Estudos: R. S. Radford, «The Priapea and the Vergilian Appendix», em *Trans. and Proc. Amer. Philol. Assoc.*, 1921, pp. 148-177; R. F. Thomason, *The Priapea and Ovid. A study of the language of the poems*, Nashville (Tennessee), 1931; M. Coulon, *La poésie priapique dans l'Antiquité et au Moyen Âge*, Paris, 1932;